

Objecto, objectivos, metodologia, mÃ©todo,...

Afixado por luis ricardo - 30/10/06 12:10

NÃ£o encontrei, nas obras tradicionais, nenhuma definiÃ§Ã£o clara sobre o que se entende por "objecto de estudo". Alguns autores equivalem-no ao "tema do estudo". Contudo, parece-me que pode ser entendido como um conjunto de itens incluindo o tema, os sujeitos (ou agentes, ou objectos), o local da investigaÃ§Ã£o e os objectivos. No seguimento deste raciocÃ­nio direi que objecto Ã© o "alvo do estudo". Metaforicamente irei jogar dardos (tema), sendo no alvo (objecto) onde se encontra o local que pretendo acertar (objectivo). Assim, poder-se-Ã¡ considerar, "objecto" situando-se algures entre o "tema" e o "objectivo" (incluindo-se o local de estudo), considerando-se os "objectos" como as "coisas" que tratam de seres humanos, parece-me que o mais correcto serÃ¡ chamar-lhes sujeitos (ou agentes, como prefere Bourdieu, 1989).

Relativamente Ã s diferenÃ§as entre metodologia e mÃ©todos, com uma frase poder-se-ia acabar com estes desentendimentos: metodologias sÃ£o mais abrangentes e sÃ£o duas, as extensivas (quantitativas) e as intensivas (qualitativas), o resto sÃ£o mÃ©todos ou variantes Ã s metodologias que lhes estÃ£o associadas como, por exemplo, etnografia associada Ã metodologia qualitativa, ou estudo de caso que poderÃ¡ estar associado Ã s duas. Existe alguma confusÃ£o, nas obras em geral, surgindo atÃ© o termo "etÃ©nicas" (instrumentos) em substituiÃ§Ã£o de "mÃ©todos". Nota-se, assim, alguma falta de consenso destes conceitos por parte de vÃ¡rios autores. AtÃ© mesmo nos que, Ã partida, nÃ£o deveriam levantar qualquer problema como, por exemplo, as diferenÃ§as entre inquÃ©rito por entrevista e inquÃ©rito por questionÃ¡rio. Carmo e Ferreira (1998, p. 125) dizem simplesmente isto, nÃ£o se entendendo onde podem surgir dÃ©vidas: "o primeiro ser realizado em situaÃ§Ã£o presencial, enquanto que o segundo Ã© administrado Ã distÃ¢ncia". A nÃ£o Ã© sÃ³ relativamente a estes conceitos, aparentemente simples, que sobressaem algumas contradiÃ§Ãµes entre os autores, ou mesmo a inexistÃªncia de qualquer clarificaÃ§Ã£o. AtÃ© o prÃ³prio termo "conceito" Ã© alvo de vÃ¡rios ataques diversos quadrantes. A respeito de termos "destrinÃ§ados atÃ© ao tutano", Bourdieu (1989), parece-me que rompe com este modo de pensamento, preferindo definir os "termos empolados da grande teoria" (idem, p. 28), somente pelo "preÃ§o de colar rÃ³tulos novos em frascos velhos" (ibidem). Alguns autores chegam ao ponto de saturaÃ§Ã£o, acentuando que jÃ¡ existem tantas tentativas de definiÃ§Ã£o, que mais uma nÃ£o faz qualquer diferenÃ§a (Hall referindo-se a "cultura", cit. Vieira, 1999, p.60). Como exemplo desse limite, Ã© a procura das diferenÃ§as entre "mÃ©todos" e "mÃ©todo" por alguns, ou na definiÃ§Ã£o de "mal-estar", quando se chega a dizer que nÃ£o deve ser confundido com... "mal-estar" (1996, p. 233). Esta guerra de definiÃ§Ãµes, pode ser vista como "pontos de vista filosÃ³ficos que definem a posiÃ§Ã£o do espÃ­rito humano perante o objecto" (Carmo e Ferreira, 1998, p. 175). Crato (2006) "aproveita" e atribui a esta falta de clareza como uma caracterÃstica do "eduquÃªs".

Bibliografia referenciada

â€¢ BOURDIEU, Pierre â€“ O Poder SimbÃ³lico. Lisboa: Difel, 1989

â€¢ CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - Metodologia da InvestigaÃ§Ã£o - Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998

â€¢ CRATO, Nuno â€“ O "EduquÃªs" em Discurso Directo â€“ Uma CrÃ©tica da Pedagogia RomÃ¢ntica e Construtivista. Gradiva, 2006

â€¢ JESUS, SaÃºl N. â€“ MotivaÃ§Ã£o e FormaÃ§Ã£o de Professores. Coimbra: Quarteto Editora, 1996

â€¢ VIEIRA, Ricardo â€“ HistÃ³rias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidades. Porto: Ed. Afrontamento, 1999

=====